



Sobre a Ficção em Pernambuco

Alexandre Santos

Palestra sobre a ficção em Pernambuco
apresentada no Festival Literário de Garanhuns.

Muito me alegra participar deste I Festival Literário de Garanhuns – um evento que, ao materializar mais uma brilhante idéia do escritor João Marques com o apoio decisivo do prefeito Luiz Carlos de Oliveira, coloca Garanhuns sob os holofotes que iluminam as cidades líderes da cultura nacional. Aqui, hoje, estão reunidas as maiores expressões da literatura pernambucana, membros de academias e associações, inclusive da União Brasileira de Escritores, da Academia de Letras e Artes do Nordeste, da Academia Pernambucana de Letras, da Academia Recifense de Letras e de tantas outras.

Muito me alegra também participar deste painel sobre a 'Ficção em Pernambuco'.

Este é um tema fascinante e muitos poderiam ser tentados a discorrer sobre a fantástica obra dos nossos escritores. Escritores maravilhosos, que marcam a literatura brasileira com livros ousados, estilos próprios e característicos de diferentes épocas. Eu poderia ser tentado a falar sobre escritores e livros que levaram a literatura ficcionista de Pernambuco por trajetória de brilho, que romperam as fronteiras do Estado e da região para consagrar o Estado como berço de grandes autores. Para não falar dos grandes vultos que iluminaram as letras do Estado no século XIX – como Franklin Távora, Carneiro Vilela e sua maravilhosa 'emparedada da Rua Nova' escrita ainda em 1886, Farias Neves Sobrinho, Oscar Leal, Teotônio Freire, Manuel Arão e Medeiros & Albuquerque, que compôs a letra do Hino da Proclamação da República – ou de escritores que deram brilho a nossa literatura por diversos momentos do século passado – como Aderbal de Carvalho, Josefa de Farias, Carlos Dias Fernandes, José Condé, Osman Lins, Edilberto Coutinho, Gastão de Holanda, Haroldo Bruno, Hermilo Borba Filho, Ayrton Bayma, Waldemar Lopes e William Ferrer –, poderia falar da obra de escritores que, neste início de novo século, alimentam o gênero 'Ficção' com outras gotas de genialidade literária – como Ariano Suassuna, Armando Souto Maior, Olímpio Bonald Neto, Rostand Paraíso, Ana Maria César, Cyl Gallindo, Telma Brilhante, Luciene Freitas, Edna Alcântara, Cloves Marques, Mário Márcio, Luzilá Ferreira Gonçalves, Amílcar Dória Matos, Leny Amorim, Manoel Rafael Neto, Nazareth Gouveia, Maria Valderez, Elizabeth Brant, Rosa Lia Dinelli, Luiz Gonzaga Lopes, Verônica Nery, Zilda Maurício Crisóstomo, Bartyra e Pelópidas Soares, Luiz de Freitas, Esther Camurça, Dirceu Rabelo, Tereza Tenório, Lúcio Ferreira, Everaldo Moreira Veras, Bernadete Serpa, Vital Correia de Araújo, Ducinéa e Reinaldo de Oliveira, Lygia de Souza Leão, Waldênio Porto, Aluizio Furtado de Mendonça, Alvacir Raposo, Cláudio Aguiar, Carlos Cavalcanti, Selma Vasconcelos, Odile Cantinho, José Wanderley, Milton Lins, José Nivaldo, Margarida Matheus, Djanira Silva, Laudemiro Telino de

Lacerda, Perseu de Castro Lemos, Lourdes Sarmiento, Abdias Moura, Alberto da Cunha Melo e tantos outros.

Mas, talvez desiludindo alguns, vou trilhar outro caminho.

Quando lancei o romance 'O moinho' ouvi muitos comentários e o que mais me marcou foi aquele proferido pelo poeta Laudemiro Telino de Lacerda que, a guisa de elogio, abriu um carinhoso sorriso e disse: "Alexandre, você é o maior mentiroso que conheço!". Colocado daquela forma, ele tinha razão, pois, afinal de contas, muitos afirmam que a 'FICÇÃO' é o gênero literário das mentiras.

Para muitos, o nome diz tudo. A palavra latina 'Fictionem' significa o efeito de fingir, de simular. Ou seja, 'Ficção' é a categoria literária das mentiras. Das invencionices verossímeis ou inverossímeis, conforme o tamanho da impostura, mas, sempre mentiras. E os romances, poemas, contos, novelas, fábulas e, até mesmo, crônicas são perfilados no vasto reino dos fingimentos. Com efeito, a arte de modo geral, incluindo a literatura, nunca se preocupou em descrever a realidade tal como o mundo a vê, mas em retratá-la como o artista a sente. Para Aristóteles, "a arte literária é a arte que imita pela palavra" e, dessa forma, a função do artista não é retratar o que acontece, mas o que poderia ter acontecido. Nesta perspectiva, a obra de arte não precisa ser o retrato fiel da realidade, mas ter uma coerência interna que a faça assemelhar-se à verdade. E, assim, por toda a história, a arte é considerada o universo dos sonhos e a literatura, em especial a ficção, o gênero das mentiras.

Isso, no entanto, nem sempre é bem aceito pelos escritores. Numa crítica sutil, o fenomenal Fernando Pessoa reagiu e, na primeira estrofe do poema 'Auto-psicografia', esclareceu:

O poeta é um fingidor
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.

A dor sentida pelo artista parece fingida aos olhos do expectador apenas por vir na carruagem da arte. No reino da mentira, a verdade parece mentira.

Mas o que é a mentira? O que é a verdade?

Estaria mentindo a pessoa que, sinceramente, chama de Ponte Velha a Ponte da Boa Vista, que lhe parece mais velha? Ou a pessoa que repassa como verdade informação inverídica que tenha recebido de alguém da sua confiança? Quem disse que o nome desta maravilhosa cidade é 'Garanhuns'? Por que não Petrópolis?

Uma convenção diz que o nome é Garanhuns e, assim, chamá-la de Petrópolis é uma inverdade. Como curiosidade, vale o registro que, embora muitos digam que o nome consagrado à cidade se origina do vocábulo 'Uraanhu', José de Almeida Maciel diz que a verdadeira razão repousa nos Guirá-nhum, os Pássaros Pretos, que abundavam na região. Mentira? Verdade? Pouco importa. O fato é que, vinda de Uraanhu ou de Guirá-nhum, o nome 'verdadeiro' desta bela cidade é Garanhuns e pronto! Quem chamar esta cidade de

Petrópolis não estará dizendo a 'verdade'. A documentação oficial afirma que a fundação do município de Garanhuns ocorreu em 10 de março de 1811 – data que reflete o relógio do calendário romano, reformulado pelo Papa Gregório em 1582. Que dizer que, se apontada com base em outro calendário – o islâmico, o judeu, o chinês ou o que vem sendo estudado pela ONU – a data da fundação de Garanhuns seria outra. Estaria faltando com a verdade quem afirmasse que Garanhuns foi fundado em 5.026? Em Garanhuns, enquanto o recifense sente frio, um europeu pode sentir calor. Estará mentindo o recifense, que sente frio, ou o europeu, que sente calor?

Estarão mentindo os livros de geografia e de história? Ou estarão apenas refletindo verdades e valores aceitos em determinada época por comunidades específicas. Nomes, datas, valores, sentimentos e aparências refletem opiniões e convenções, refletindo conceitos inconsistentes que podem mudar em função de referenciais e modas, nada significando em termos de verdade ou mentira.

Frase atribuída a Friedrich Goebbels diz que "uma mentira dita mil vezes se transforma em verdade". Se uma mentira pode se transformar em verdade, o inverso também seria possível?

No segundo período da história do pensamento grego, no século IV a.C, também conhecido como o Período Antropológico pela importância que atribuiu ao homem e ao espírito inaugurando uma nova fase na história da compreensão dos fenômenos, Demócrito (460-370 a.C.) contestou Protágoras (defensor de que todas as sensações eram igualmente verdadeiras para o objeto sensível) e afirmou que todas as sensações são falsas, pois não têm contrapartida real fora do objeto sensível. Fundamentando seus ensinamentos, Demócrito distinguiu aquilo que é 'Convenção' (nómos), ou seja, fruto de uma opinião e de um acordo entre os homens, daquilo que é 'Natureza' (phýsei). "Por convenção – disse ele –, há o doce, o amargo, o quente, o frio, a cor... as nossas sensações não representam nada de externo, apesar de serem causadas por algo fora de nós... Esta é a razão porque a mesma coisa às vezes dá a sensação de doce e às vezes de amargo... nós, na verdade, não conhecemos nada de certo, somente que as coisas mudam de acordo com a disposição do corpo e com aquilo que nele penetra ou lhe opõe resistência [por isso] não podemos conhecer a realidade, pois, a verdade jaz num abismo". Com esta linha de pensamento, Demócrito foi o precursor da lógica dialética, retomada no século XVIII por Friedrich Hegel (1770 - 1831), adotando um ritmo ternário com duas teorias contrárias (tese e antítese) que se conciliam fundindo-se numa síntese superior. Demócrito, seus discípulos e adeptos, entre os quais Parmênides e Leucipo, foram pródigos em proclamar que não há verdade absoluta.

Sob este ponto de vista, o gênero 'Ficção' ganha outro sabor, pois mentira e verdade perdem a linha divisória rígida.

Quais são os limites da verdade e da mentira? Para José Américo de Almeida, "há muitas formas de se dizer a verdade [e] talvez a mais persuasiva seja a que tem forma de mentira". Pablo Picasso, por sua vez, afirmou que "a arte é uma mentira que revela a verdade". Afrânio Coutinho foi mais adiante e afirmou que "a literatura, como toda arte, é uma transfiguração do real... Passa, então, a viver outra vida, autônoma, independente do

autor e da experiência da realidade de onde proveio. Os fatos que lhe deram às vezes origem perderam a realidade primitiva e adquiriram [uma] outra, graças à imaginação do artista". Desdenhando questiúnculas sobre verdades e mentiras, a arte faz sua própria realidade.

E aí, onde estará a mentira e a verdade? Será que existe uma verdade? Ou a realidade se reflete em múltiplas verdades e, tomando seu inverso, em múltiplas mentiras?

O tema não é simples. Pouco se lixando para a questão da verdade, alguns chegam a questionar a própria realidade. Alguns cientistas modernos admitem a possibilidade de que a própria realidade não exista e – como no filme Matrix produzido em 1999 pelos irmãos Andy e Larry Wachowski – nossa existência seja apenas uma simulação de computador. Ainda em 1868, o naturalista Thomas H. Huxley comparou o mundo com um tabuleiro de xadrez e, associando as peças aos fenômenos do universo e as regras às leis da natureza, afirmou que "o jogador no outro lado está oculto a nós". Este modo de ver a existência humana fez muitos adeptos. Em fins dos anos 60, Konrad Zuse – o cientista alemão responsável pela construção dos primeiros computadores eletromecânicos programáveis e que desenvolveu a primeira linguagem de alto-nível para computadores – sugeriu que todo o Universo faz parte de entranhas lógicas de um computador 'autômato celular', cujo conceito, criado pelo matemático húngaro John von Neumann nos anos 40, tem como base a idéia de sistemas lógicos auto-reprodutores e, assim, imitam a própria vida.

Para os que questionam a realidade, claro, não há sentido falar em verdade e ficção, mas, graças a Deus, o mundo existe e há uma realidade. Mas, essa realidade não obedece a padrões rígidos, pelo contrário. A realidade varia de acordo com as pessoas, as convenções, épocas e lugares. Não há, portanto, um reino da ficção e um reino das verdades. Ficção e verdade ocupam o mesmo reino e alimentam o imaginário das pessoas.

Nesta nova perspectiva, a Ficção em Pernambuco não é composta apenas pelos ficcionistas, mas, também por todas as pessoas que exprimem o mundo. As estórias são histórias e as histórias são estórias. Os enredos são roteiros de vida e vice-versa. Os protagonistas e antagonistas são seres bons ou maus conforme a vida a ser vivida.

(*) Alexandre Santos é presidente da Academia de Letras e Artes do Nordeste.